



ARTIGOS E RELATOS DE PROCESSO

# Uma artista cheia de barulhos

## An artist full of noise

Patricia Gifford<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Atriz formada pela EAD e pelo Teatro Escola Macunaíma. Licenciada em Educação Artística, com habilitação em Artes Cênicas pela FPA. Coordenadora Pedagógica e professora da Escola Livre de Teatro de Santo André/Secretaria Municipal de Cultura. E-mail: teatropatricia@hotmail.com. ORCID: 0009-0004-3131-0877.

## Resumo

Como um poema-manifesto, este texto apresenta o entendimento de uma artista de hoje sobre seu percurso de mulher de teatro, atuando na criação de um fazer coletivo, colaborativo e coral; fazer que se insere no mundo, ao mesmo tempo que deseja romper com suas estruturas enrijecidas. O teatro é descrito como trabalho e identidade, arte e vida; duplos que se afirmam na feitura do processo criativo, onde emergem as crises e os fundamentos da diretora, que estão entre os temas tratados. O poema-manifesto expressa um percurso contínuo entre as criações da Cia São Jorge Variedades, companhia sediada em São Paulo da qual a artista faz parte, e outras experiências de encenação acumuladas nos últimos anos.

## Palavras-chave

Mulheres na direção; Processos de criação; Formação em teatro; Cena contemporânea; Teatro brasileiro.

## Abstract

As a manifesto-poem, this text presents the understanding of a contemporary artist about her path as a woman in the theatre, acting in the creation of a collective and collaborative work, and in chorus; making that fits into the world, as well as wanting to break with his rigid structures. Theatre is described as work and identity, art and life; pairs that assert themselves in the making of the creative process, where crises and the director's foundations emerge, which are among the themes addressed. The manifesto-poem expresses a continuous path between the creations of Cia São Jorge Variedades, a company based in São Paulo of which the artist is a part, and other staging experiences accumulated in recent years.

## Keywords

Women in theatrical direction; Creation processes; Theater training; Contemporary scene; Brazilian theatre.

## 1 Definição

Mulher-polvo de teatro.  
Gosto de comer o teatro por todas as beiradas,  
com muitas bocas em vários braços.

Tanto mais me farto,  
mais ele me emagrece,  
ele tira de mim o que eu tenho de melhor,  
ou pelo menos exige de mim meu melhor.  
Mas tanto mais ele me faz dar, maior fico,  
me engrandece.  
Gigantesca-pequenez.

Através do teatro participo do mundo,  
e através do teatro me nego a participar.

Meus ossos são roídos por ele,  
Sem concessão.  
O teatro me rói até os ossos,  
mas me deixa em pé.

Mulher-polvo de teatro,  
sou devorada  
e o devoro por todas as beiradas.

## 2 Da cena

Atriz,  
Desde sempre,  
anos e anos.

Atriz desassossegada,  
megalomaníaca,  
metida a dramaturga, cenógrafa, figurinista, iluminadora, produtora ...  
Diretora.  
Mulher “surubática” da cena.

A fome de tudo explodiu.  
Não coube em si.

## 3 Segredo barulhento

O trabalho da atriz tem fases muito silenciosas, muito íntimas, de solidude,  
de grandes  
segredos, de muita escuta. Uma sabedoria à espreita.

A mulher-polvo de teatro, cheia de bocas, orelhas e braços, abriu caminho para meus barulhos, para que eles não atrapalhassem meus trabalhos como atriz.

Comi o teatro pela outra beirada.  
Me vi na direção,  
me viram.  
Nova diretora, velha.

## 4 Uma diretora

Pensar a encenação, criar o “CORPO” DA CENA integralmente.  
Macro-visão,  
pensamento sinestésico.  
Lugar deliciosamente barulhento, caótico, cheio de vozes entre muitas pessoas,  
sempre entre muitas pessoas, entre muitas pessoas, entre muitas pessoas.  
Muitos cruzos, fazendo sempre muitas relações.  
Diversos cruzamentos,  
passando pelo pior de cada um  
para poder arrancar o melhor.  
Um sistema NERVOSO.  
Lugar das dissonâncias e diversidades.  
É o espaço do palavrório, do imbróglio, que te expõe a todo momento  
- se você fica um pouco à espreita -  
te acham, te chamam.  
Não há UM canto escondido. UMA fresta para se enfiar.  
Delirante, vertiginoso.  
C R I A T I V O EM CORO, sempre.  
Onde você se vê maravilhosamente cansada da sua voz.

## 5 Fundações

Perto do fim dos anos 90,  
nos espaços de formação que frequentava,  
e nos trabalhos independentes que assistia,  
começava-se a falar de  
TEATRO COLABORATIVO,  
MODO DE PRODUÇÃO COLETIVO, PESQUISA CONTINUADA,  
TEATRO DE

GRUPO.<sup>2</sup>

A fome e a vontade de comer,  
e todos esses braços-polvo saindo pelas mangas da camisa.

Sou co-fundadora da Cia São Jorge Variedades/SP<sup>3</sup> que existe desde 1998.  
Há mais de 20 anos este é o lugar onde exerço todas essas visões ‘me-galômanas’,  
de uma artista cheia de vozerios,  
barulhos.

A Cia São Jorge é campo para exercer com liberdade tudo o que no teatro  
me mobiliza, comer tudo que me dá fome no teatro.

A Cia São Jorge de Variedades ‘deu corpo à minha mulher-polvo’ - massa  
e musculatura.

A Cia São Jorge me formou.  
Me de-formou.  
Me ‘esfomeou’.

## 6 Fundamentos

Eu (procuro) descoordenar processos criativos.

Desoriento processos,  
Des-direciono.  
Trabalho descoordenando, desconfiando, des-dirigindo.

---

2 Na perspectiva da minha experiência pessoal, o contato com o modo de produção coletivo e o teatro de grupo datam dos anos 1990. Contudo, sabemos que a criação coletiva no Brasil remete à década de 1960. Da mesma forma, o teatro de grupo atravessa as décadas de 1950, 60 e 70, para eclodir como movimento na cena paulistana a partir da década de 1980, ainda que o fenômeno tenha explodido como militância e maior potencial agregador no final da década de 1990 (MATE, 2011, p.14 e 106).

3 A São Jorge surgiu na ECA-USP, em 1998, ano da estreia de Pedro O Cru, peça realizada a partir do simbolista Antônio Patrício. Um Credor da Fazenda Nacional, peça itinerante a partir de Qorpo-Santo, destacou-se no Fringe de Curitiba 2000. Em 2001, em co-ocupação do Teatro de Arena Eugênio Kusnet, o Grupo cria Biedermann e os Incendiários, de Max Frisch. Entre 2002 e 2004, ocupa albergues públicos, onde cria *As Bastianas*, a partir de Gero Camilo. (MATE, 2020, p.186).

## 7 Um passo



Fig. 1: *Barafonda*. Cia. São Jorge, 2012. Foto de Cacá Bernardes. Arquivo da autora



Fig 2: *Barafonda*. Cia. São Jorge, 2012. Foto de Cacá Bernardes. Arquivo da autora.

Des-dirigi *BARAFONDA*<sup>4</sup> - 2012/Cia São Jorge de Variedades:

Teatro e Rua, mundo como cena,  
51 pessoas envolvidas na peça,  
2 km de ruas percorridas no Bairro da Barra Funda,  
horário comercial,  
4 horas de espetáculo.

Arte e vida coexistindo,  
tentando coexistir.  
Disputando os territórios geográficos,  
disputando os territórios do imaginário.  
Ocupação concomitante  
do espaço da vida ordinária  
e arte.  
Radical.  
Exposição da nossa fragilidade,  
e ao mesmo tempo da nossa potência.  
Artistas em meio ao funcionamento de um bairro.  
Coro dos artistas,  
coro dos habitantes da Barra Funda.  
coro do público de fora que vinha nos assistir.  
Evidenciava-se a possibilidade de encontro,

e a impossibilidade também.

Minha primeira direção.  
Faça uma proposta dessa para alguém hoje, pronta assim, descrita como  
acima:  
51 pessoas envolvidas na peça,  
2 km de ruas percorridas no Bairro da Barra Funda,  
horário comercial,  
4 horas de espetáculo.  
Não existe.  
Não existia.  
Nós fomos desorientando o processo,  
Nos descoordenando.  
Nos des-dirigindo,  
Aí, *BARAFONDA* foi aparecendo.

---

4 Direção Geral – Patrícia Gifford. Criação, dramaturgia e direção – Cia. São Jorge de Variedades. Elenco – Alexandre Krug, André Capuano, Angela Maria Prestes, Anna Cosenza, Antonia Mattos, Bárbara Bonnie, Caco Pontes, Camilla Martinez, Carol Portela, Cristiano Kunitake, Dárcio de Oliveira, Fernanda Machado, Georgette Fadel, Isa Santos, Ivan Zancan, Jonathan Silva, José Andery, Juliana Amorim, Leandro Rosario, Majó Sesan, Marcelo Reis, Maria Carulina Macario, Marina Donati, Marita Prado, Mauro Grillo, Patrícia Gifford, Paula Klein e Rogério Tarifa. Artista especialmente convidado – Flávio Porto. Participações especiais – Pascoal da Conceição / Rodrigo Mercadante. Elenco em substituição – Bia Bouissou, Cátia Pires, Fagundes Emanuel, Ícaro Rodrigues, João Inocêncio e Venício Toledo. Colaboração especial – Mariana Senne. Direção musical – Lincoln Antonio. Música original – Jonathan Silva, Lincoln Antônio e elenco. Direção vocal interpretativa – Lucia Gayotto. Direção de movimento – Jorge Garcia. Cenário e figurino – Julio Dojcsar e Silvana Marcondes – Casa da Lapa.

Des-cobrir o inimaginável.  
Abrir brecha para o impensável.

Eu, e todas as pessoas envolvidas no processo,  
morremos um pouco nesse teatro,  
e matamos um pouco do teatro também.

O teatro está morto, é preciso morrer um tanto com ele. Para que ele 'des-  
-morra'.

Me perguntaram um dia: 'Quanto tempo demorou o processo criativo de  
Barafonda?

Respondi: '2 anos'

Um amigo me corrigiu: "Imagina! Vocês estão fazendo esse espetáculo há  
mais de 15 anos, desde que a Cia surgiu".

Sou maravilhada com essa resposta.

Isso é uma coisa que só o trabalho de pesquisa continuada e coletiva vive.  
Essa resposta vem desse território, *BARAFONDA* só foi 'impossível' porque  
esse é o nosso chão.

Difícilmente esse experimento se daria fora desse contexto:

Num território, num terreno, onde se cava há muito tempo,  
Com muitas pás, enxadas e muitas mãos,  
Cavacavacavacavacavacava,  
até que vai ficando cada vez mais funda, mais funda, mais funda  
a greta.

## 8 Segundo e terceiro passos

Depois 'me nomearam' diretora.

Fui convidada por outros coletivos, outras parcerias,  
fora da Cia São Jorge de Variedades,  
a dirigir.

Revirei minhas tripas dentro de uma casa no Bairro da Penha,  
junto com 6 mulheres maravilhosas da Cia do Miolo.



*CASA DE TOLERÂNCIA*<sup>5</sup> - 2015/Cia do Miolo.



Fig 3: *Casa de Tolerância*. Cia do Miolo, 2015. Cartaz da peça - designer gráfico: Elaine Alves - Coletivo Amarillo. Arquivo da autora.

5 Direção - Patrícia Gifford. Atrizes - Edi Cardoso, Renata Lemes e Jordana Dolores. Dramaturgia - Solange Dias. Direção Musical - Antonia Mattos. Cenografia - Cibele Lucena e Jerusa Messina. Figurino: Anahí Asa. Luz - Camila Andrade. Produção - Rafael Procópio. Realização - Cia do Miolo e Cooperativa Paulista de Teatro.

Espectáculo sobre violência doméstica e feminicídio que acontecia dentro de um sobrado.

Eu me envolvo profundamente na delicadeza e artesanias de encontros como esse no teatro.

06 mulheres confabulando, criando dentro de uma casa - cômodos incômodos - uma casa onde paredes, pisos e tijolos testemunharam histórias, uma casa que sangra violência sobre nossos corpos, vigas que tinham que ruir: obra na casa.

O encontro proposto era íntimo, sensível e ao mesmo tempo tão cruel, buscava-se uma comunicação muito cúmplice com a plateia, era esse o núcleo central da experiência.

Em *DEZUÓ - BREVIÁRIO DA ÁGUAS*<sup>6</sup> - 2016/Núcleo Macabéa, essa dimensão de encontro e cumplicidade com o público também era central. A cenografia ultrapassava o espaço cênico, criando uma instalação que colocava o público dentro da obra, onde a plateia se via em roda,

assistindo as outras pessoas assistindo,  
viam-se como testemunhas da história do menino Dezuó.

Essa artesanias do encontro, que só o teatro tem, é fundamento no meu trabalho.

É algo que persigo no teatro:

Uma assembleia com o público,  
Um sentimento concreto de uma existência coletiva,  
ao menos como esperança, como sonho, uma comunidade.

Com o Núcleo Macabéa, fizemos tudo o que não era para fazer:

Descoordenamos juntos o que orientava o primeiro imaginário do espetáculo.

---

6 Dramaturgia - Rudinei Borges. Direção - Patrícia Gifford. Atuação - Edgar Castro. Direção musical/músico em cena - Juh Vieira. Direção de arte - Tellumi Hellen. Assistente de arte - Andreas Guimarães. Apoio técnico - Thales Alves. Iluminação - Felipe Boquimpani. Preparação corporal e vocal - Antonio Salvador. Projeto gráfico - Murilo Thaveira - casa da lapa. Fotografia e vídeo - Cacá Bernardes e Bruna Lessa - Bruta Flor Filmes. Assessoria de imprensa - Adriana Monteiro. Direção de produção - Isabel Soares. Parceria - Casa Livre. Realização - Núcleo Macabéa.

Desorientamos a primeira versão dramatúrgica,

Não acatamos a ideia: ‘uma peça que cabe em uma única mala para poder circular’.

Ao fim e ao cabo, *DEZUÓ* precisava de um caminhão, ou um barco grande.

Mas foi uma peça que fez grandes viagens, da maior importância para minha visão de

artista.

*DEZUÓ*, encontrou seu público, na ‘amazônia paulista’ - nas comunidades quilombolas

ameaçadas por barragens no vale da ribeira - e nas cidades ribeirinhas do oeste

amazônico, onde a problemática de desapropriação das terras por conta da construção das hidrelétricas é uma ameaça constante.

Não abrimos mão de viajar com tudo, levar a experiência do teatro de forma integral –

toda sinestesia da estética: luz, instalação cenográfica, equipamento de som etc.

TUDO para uma plateia que, em sua maioria, nunca tinha ido ao teatro.

Através dos olhos desse público,

também eu olhava para o teatro

como se fosse primeira vez.

Com a trajetória da peça *DEZUÓ - BREVIÁRIO DAS ÁGUAS*, vi a cobra morder sua própria cauda.

Oroboro. Descortinou-se o sentido público da obra.

*BARAFONDA*, *CASA DE TOLERÂNCIA* E *DEZUÓ* dividiram minhas águas e ‘riscaram meu chão’. Essas obras são bússola para os meus caminhos na arte.

Me indicam uma trilha, um horizonte.



Fig 4: *Dezuó*. Direção de Patricia Gifford, 2016 Foto de Cacá Bernardes. Arquivo da autora



Fig 5: *Dezuó*. Direção de Patricia Gifford, 2016. Foto de Cacá Bernardes. Arquivo da autora.

## PARÊNTESES

Se deixar a gente sucumbe,  
já tá rolando,  
geral.  
Ressaca do sucateamento dos nossos meios de produção, que influenciam  
nossos  
modos de produção.  
Encarceramento do imaginário, formatação da nossa capacidade de criação,  
que não cabe na sazonalidade e valores de editais que se camuflam de  
política pública.  
Mundo caquético,  
Teatro morto.  
Terra arrasada pelo imaginário neoliberal individualista,  
mercadológico in-sustentável,  
que engancha todo mundo na rede,  
é um salve-se quem puder.  
Tamo no farelo.

(concorrendo entre nós, por coisa pouca)

## 9 Pedagogia e auto-formação

Conto nos dedos de uma única mão as peças em que fui diretora, mas devo  
pedir mais dedos para falar dos processos de criação dentro de escolas e  
núcleos de formação.

Essa mania de grandeza que o teatro me dá, como se o teatro fosse tão  
grande que não coubesse nele mesmo, me levou ainda a outros caminhos.  
Caminhos pedagógicos no teatro.

Na sala de aula tudo se redimensiona, e o próprio modo de se produzir,  
criar é estudado. É uma visita a caminhos já experimentados, mas sobretudo  
o anúncio de experiências que ainda estão por vir.

A troca na sala de aula da escola de teatro

- chão movediço, instável e subversivo -

me atualiza como artista no mundo.

Não quero nunca me desconectar desses espaços de formação, não posso  
ficar longe disso, desse olhar cruel da pessoa aprendiz, dessa fome, dessa  
radicalidade, dessa faca apontada pro nosso teatro.

Nesses espaços re-novo 'votos' diante de premissas que não abro mão, e que  
nunca

ficarão velhas para mim, mas me defronto com o que há de debilitado,  
decrépito e  
mumificado.

Estou descoordenadora da ELT - Escola Livre de Teatro de Santo André,  
há 4 anos. Essa escola des-organiza, des-coloniza meu pensamento, é um  
espaço fundamental para pensar minha cena no mundo.

Ela me forma.



Fig 6: Coletiva Docente da Escola Livre de Teatro, 2019. Arquivo da autora.

## 10 Questões

Perguntas me orientam.  
Há aquelas que não abandono nunca.  
Uma me acompanha sempre, como bússola.  
Ela indaga sobre o SENTIDO PÚBLICO DA OBRA.

Procuro fugir de minhas respostas generalizadas, ou já dadas como óbvias.  
Repactuo com a indagação constantemente.  
Tenho medo da falta de coragem de me ver frente a frente com ela.  
A cada contexto me reformulo para não me afastar dela.  
Ela dá forma e contorno às materialidades cênicas.  
Me provoca pensar em outras formas de relação.

Des-elitiza minha relação com a arte.

## 11 Ser no tempo

O teatro é muito generoso na minha vida.

Apesar dele viver à míngua nesse país, ele me deu tudo que tenho para dar.

Nasci, vivo e envelhecerei no teatro de grupo.

Uma alternativa para tentar viver bem nesse mundo.

Aqui, saúdo e peço saúde, sobre-vivente da época pandemônica do nosso país doente, a todas as minhas parceiras e parceiros da Cia São Jorge de Variedades, a todas pessoas parceiras de outros grupos e companhias irmãs,

primas - família desse teatro marginalizado, mas independente - a despeito da nossa pobreza material, nossa riqueza imaterial é imensurável e urgente - nos põe de pé cada dia.

Saúdo e saúde às pessoas velhas, que abriram esses caminhos que percorro; e aos adultos de agora, nós, tão fodidos no meio desse pensamento individualizante, ah! como é difícil manter-se no prumo, a exemplo da geração que veio antes de nós, que responsabilidade, céus! que tempos que nos desarticulam.

Saúdo e saúde às pessoas mais jovens; que suas criações nos orientem.

Viva nossas ilhas de desordem nesse mundo domesticado, viva nossos territórios

autônomos de criações e laboratórios de mundos impossíveis.

Quando estou encenando, é como se estivesse criando no próprio modo como a obra se constitui, um terreno para viver utopias. Num país que insiste em reencenar seu

passado colonial, me resta propor outra cena e fugir desse teatro.

Buscar no próprio modo de fazer e criar, outras formas.

Por isso enceno.

“O teatro não vai acabar nunca porque ele é muito importante para quem faz”, disse Amir Haddad, tomando uma xícara de café, num encontro na antiga sede da Cia São Jorge de Variedades.

O teatro mudou a minha vida.

Eu tenho uma dívida com ele.

## 12 O resto é...

No meio de todo esse vozerio.

Busco o silêncio do público quando nos olha.

Essa suspensão,  
Meu maior momento de escuta.

(Busco o silêncio da escuta misteriosa das atrizes,  
invejo-as,  
preciso voltar a esse lugar  
que tanto me ensina.)

## NOTÁVEL RODAPÉ

Quero colocar o nome das pessoas artistas que formaram e formam o núcleo artístico da Cia São Jorge de Variedades

- há muito delas e deles em mim, no que faço, no que sou -

Desejo que a gente dê conta de fazer o impensável: um trabalho coletivo, continuado e independente.

Enxadas e pás à punho!

cavacavacavacavacava

Alexandre Faria, Alexandre Krug, Ana Cristina Petta, Carlota Joaquina, Georgette Fadel, Luís Mármora, Marcelo Reis, Mariana Senne, Paula Klein Flecha Dourada, Rogério Tarifa e Walter Machado - in memoriam.

Texto escrito em São Paulo, no ano de 2021, durante a Pandemia de Coronavírus no país e no mundo.

## Referências

HADDAD, Amir; MENDES, Claudio; GASPARINI, Gustavo (org.) *Amir Haddad de todos os teatros*. São Paulo: Cobogó, 2022.

LEMINSKI, Paulo. *Toda Poesia*. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

MATE, Alexandre. *O teatro adulto na cidade de São Paulo na década de 1980*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MATE, Alexandre; AQUILES, Márcio. (Orgs). *Teatro de Grupo na cidade de São Paulo e na Grande São Paulo: criações coletivas, sentidos e manifestações em processo de lutas e de travessias*. São Paulo: Lucias, 2020.

Submetido em: 05/07/2023

Aceito em: 20/09/2023